



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV – JACOBINA / COLEGIADO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

**A MICARETA PELAS LEMBRANÇAS DOS MORADORES IDOSOS DA CIDADE
DE JACOBINA-BA**

**JACOBINA-BA
2016**

THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

**A MICARETAPELAS LEMBRANÇAS DOS MORADORES IDOSOS DA CIDADE
DE JACOBINA – BA.**

Monografia apresentada para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Licenciatura Plena em Geografia e como requisito parcial para a obtenção da Graduação pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV-Jacobina, Colegiado de Geografia.

Orientação: Prof^ª. Ma. Jorima Valoz dos Santos.

JACOBINA - BA
2016

Catálogo na fonte

Universidade do Estado da Bahia

Bibliotecário responsável: João Paulo Santos de Souza

S729m

Souza, Thamires Oliveira de

A micareta pelas lembranças dos moradores idosos da cidade de Jacobina-BA./ Thamires Oliveira de Souza. – Jacobina-BA, 2016.

90 f.

Orientadora: Jorima Valoz dos Santos.

Monografia (graduação) Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Colegiado de Geografia, 2016.

1. Percepção. 2. Cultura. Micareta. 3. Universidade do Estado da Bahia. I. Santos, Jorima Valoz dos, Orientadora. II. Título.

CDD - 363

THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

**A MICARETA PELAS LEMBRANÇAS DOS MORADORES IDOSOS DA CIDADE
DE JACOBINA-BA.**

Monografia apresentada para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Licenciatura Plena em Geografia e como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV-Jacobina, Colegiado de Geografia e submetida a banca examinadora abaixo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ma. Jorima Valoz dos Santos, UNEB/DCH/Campus IV (Orientadora)

Prof^a Esp. Gislene Maria Mota dos Santos, UNEB/DCH/Campus IV (Examinadora)

Prof^o Me. Edvaldo Hilário dos Santos, UNEB/DCH/Campus IV (Examinador)

Jacobina-BA
15.07.2016

AGRADECIMENTOS

*“É impossível progredir sem mudança, e aqueles que não mudam suas mentes não podem mudar nada.”
(George Bernard Shaw)*

Agradeço a Deus primeiramente pela oportunidade de mais uma importante conquista em minha vida.

A minha família, e aos amigos mais próximos, que contribuíram de forma direta e indireta não só para a realização deste trabalho, mas também na minha construção como pessoa.

A Professora orientadora Jorima Valoz dos Santos por ter surgido em um momento crucial desta minha formação, e me mostrado um novo Norte para meu trabalho de Conclusão de Curso. Ao Departamento de Ciências Humanas -UNEB Campus IV, Colegiado de Geografia e a todos os professores que contribuíram ao longo deste processo.

Aos colegas da turma do semestre 2012.1, que fizeram com que ao longo deste tempo a jornada fosse menos árdua e mais divertida.

Aos entrevistados que disponibilizaram os dados e entrevistas para esta pesquisa. Em fim, a todos que, direta ou indiretamente fizeram parte de mais esta etapa de minha formação, o meu muito obrigado! E ah, vocês ainda vão ouvir Falar de Thamires Nalanda por aí.

RESUMO

A maneira pela qual as pessoas representam as palavras para si mesmas em relação a um dado fenômeno ou acontecimento, como elas compõem seus discursos reais, revelam ou ocultam o que estão pensando, deixando assim alguns traços verbais de seus pensamentos que podem e devem ser interpretados. Assim, a presente pesquisa objetiva analisar a Micareta de Jacobina pelas lembranças de seus moradores idosos. A pesquisa teve como aporte teórico o estudo da percepção, e o método fenomenológico, utilizando para a realização da mesma, a técnica de coleta de dados por narrativas orais, buscando identificar a percepção dos moradores idosos em relação à festa enquanto fenômeno identitário e sócio-histórico do lugar. Após análise dos resultados da pesquisa, podemos afirmar que existem diferentes percepções da micareta, estas variam de acordo com as experiências dos sujeitos, as quais foram exemplificadas nas falas dos entrevistados. As percepções no geral têm em comum o saudosismo das festas de outrora. Mas, é importante destacar que as lembranças dessas vivências, trouxeram também o destaque, para o grande caráter segregador de classes sociais das micaretas antigas. E que o preconceito ainda permanece mesmo que de forma velada, na fala de alguns sujeitos.

PALAVRAS – CHAVE: Percepção, Fenomenologia, Micareta, Jacobina.

ABSTRACT

The way why the people represent the words to themselves regarding with a phenomenon or event, as they build your real speeches, reveal or hide what is in their mind, leaving some verbal traces about your thoughts that can and must be interpreted. Therefore, this present research aims on the analysis of the Jacobina Micareta by the memories of their elderly residents. The present research had as theory contribution the study of perception and the phenomenological method, using the technic of data collect by oral narratives, with the intuit of identify the elderly residents perception regarding the festival when was an identity phenomenon and socio historical of the place. After analyzing the survey results, we can affirm there are different perceptions of Micareta and those diversified perceptions is according with the experience of each person, which were exemplified in the words of the respondents. The festival perceptions in general has the nostalgia of those old times, but is important to note that those memories brought the featured for the big segregating character of social classes from the old Micaretas and the prejudgement still remains, even in a veiled way in the narrative of some interviewed.

Keywords: perception, phenomenology, Micareta, Jacobina

LISTA DE ILUSTRAÇÕES – FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa de localização e aspectos culturais de Jacobina	12
FIGURA 2 – Vista aérea da cidade de Jacobina.....	15
FIGURA 3 – Marujada.....	17
FIGURA 4 - Filarmônica 2 de Janeiro	17
FIGURA 5 – Os cães	19
FIGURA 6 – A micareta	20
FIGURA 7 - Foliões.....	22
FIGURA 8 – Bloco As caretas.....	23
FIGURA 9 – Bloco os Irmãos metralha.....	23
FIGURA 10 – Bloco os Cães.....	32
FIGURA 11 – Carro Improvisado	33
FIGURA 12 – Micareta do passado	36
FIGURA 13 – Micareta nos dias atuais	37
FIGURA 14 – Baile Vermelho e Branco	37

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AAG - Association of American Geographers

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.A CIDADE DE JACOBINA	12
1.1.JACOBINA E SEU PROCESSO HISTÓRICO.....	13
1.2.OS ASPECTOS CULTURAIS DA CIDADE DE JACOBINA	16
1.2.1.A Micareta	21
2. AS BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS DA PESQUISA	24
2.1. A PERCEPÇÃO NA GEOGRAFIA	24
2.2. FENOMENOLOGIA.....	26
2.3. ESPAÇO, LUGAR E MEMÓRIA.....	28
3. MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A MICARETA PELO OLHAR DOS IDOSOS .	30
3.1 A PESQUISA ANÁLISES E RESULTADOS.....	30
3.1.1 O significado da micareta	31
3.1.2. Conhecimento acerca da História da Micareta.....	32
3.1.3. Participação na Micareta.....	33
3.1.4. Importância da Festa para a Cidade	34
3.1.5 Percepção entre a Micareta de Hoje e a do Passado	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

A cidade de Jacobina – BA está localizada na microrregião do Piemonte da Chapada Diamantina, uma região que se destaca por sua topografia, estando à cidade entre desfiladeiros e serras.

A história do surgimento da cidade perpassa com a chegada tanto dos bandeirantes paulistas, como os portugueses que chegaram no século XVII, e que objetivaram o desbravamento do sertão baiano com a implementação de currais, e a busca por ouro e pedras preciosas.

A primeira expedição nas terras de Jacobina teve início no ano de 1595, chefiada por Belchior Dias Moreya, conhecido por “Muribeca”, que percorreu o Rio Itapicuru, afirmando ter encontrado minas de pedras preciosas. O ouro permitiu o desenvolvimento da cidade e serviu de atração para a chegada de migrantes de todas as partes do país.

Hoje, Jacobina é conhecida como a cidade do ouro e pela sua micareta, esta última, é considerada como um dos aspectos culturais mais importante da cidade, inclusive sua realização anualmente é um fator de atração de turistas para Jacobina. Assim, este trabalho buscou é apresentar a percepção dos idosos com relação a micareta, respondendo a principal pergunta deste trabalho: qual a percepção dos idosos da cidade de Jacobina com relação a micareta?

A pesquisa se justifica na medida em que se faz necessário um estudo da percepção dos idosos da cidade de Jacobina sobre a micareta, buscando através dessa percepção os significados desse evento cultural na vida desses idosos. Outro fator fundamental é a carência de estudos sobre esta temática, na cidade de Jacobina, principalmente relacionada a percepção, pois este tipo de abordagem muito tem contribuído para que se possa entender o que os moradores pensam ou mesmo percebem algum evento que tenha sido importante em suas vidas, pois só eles podem dar as respostas, a partir da vivência diária com os eventos.

O trabalho está organizado em 3 capítulos, sendo que no primeiro capítulo faz-se uma análise sobre o município e a cidade de Jacobina, apresentando os aspectos históricos e culturais da cidade. Tais informações foram importantes, na medida em que para a temática do trabalho os aspectos sobre a cidade e seus aspectos culturais são referências para a temática abordada na pesquisa.

No segundo capítulo, faz-se uma discussão sobre os principais conceitos e teorias da Geografia da Percepção e Fenomenologia apresentando uma breve descrição dos conceitos sobre os mesmos.

No terceiro capítulo estão as análises das informações coletadas através das entrevistas, iniciando-se pelo perfil dos entrevistados, fato importante para o estudo da percepção, logo depois foram apresentadas as falas e posteriormente a análise para que se possa conhecer qual a percepção desses moradores com relação a micareta.

O último capítulo, referente as considerações finais, e constata a importância da Fenomenologia da Geografia da Percepção. Ressaltando que os conceitos e as teorias, serviram para que se pudesse estabelecer a relação entre os moradores e a micareta. Também apresenta a validade das proposições estabelecidas para a pesquisa comprovada através da percepção de seus moradores, verificando que os objetivos foram alcançados através dos resultados estabelecidos.

1.A CIDADE DE JACOBINA

Jacobina está localizada a uma distância de 330 km da capital do Estado. Sua população estimada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE é de aproximadamente 84.811 habitantes. A economia da cidade se baseia principalmente na exploração mineral de ouro, comércio, agricultura e pecuária. A cidade também se destaca pelas belezas naturais, embora ainda sejam pouco exploradas, e por seus aspectos culturais, entre eles a micareta. (Figura 1)

A micareta que é considerada uma das atrações culturais da cidade, e que tem grande importância na cultura local se tornou o ponto de atração para pessoas de outras cidades ou mesmo Estado.

Assim, diante do que se propõe a pesquisa, neste capítulo discutiremos sobre as bases de formação histórica do município, assim como os aspectos culturais da cidade, e sobre o ponto de análise da pesquisa que é a micareta de Jacobina.

Figura 1: Mapa de Localização e Aspectos Culturais



Fonte: Yamana Gorg Inc (2011)

Modificado pela autora.

1.1.JACOBINA E SEU PROCESSO HISTÓRICO

A bibliografia referente a história da cidade de Jacobina é muito restrita. Os trabalhos existentes estão ligados a algumas pesquisas e a histórias oficiais. Fonseca (1995, p.104) enfatiza que “a história de Jacobina é a história de sua região”, principalmente a partir de seu povoamento através da pecuária e da exploração do ouro, mineral abundante na região.

Nos primórdios da nossa história colonial brasileira, a população vivia às margens do litoral. Poucos eram os que se arriscavam a desbravar o sertão. No período que compreende entre os séculos XVI e XVII, não havia muita dificuldade para uma pessoa se tornar fazendeira, bastava possuir algumas cabeças de gado, visto que terras não faltavam Brasil adentro.(LEMOS, 1995).

Cabe ressaltar que a pecuária trouxe consigo o cultivo da cana de açúcar, o que com o passar do tempo, veio a gerar problemas. Visto que o aumento do rebanho ameaçava o cultivo dos canaviais, pois o mesmo dividia as terras com o gado. Assim, movidos pela busca de novas pastagens para o gado, partindo das redondezas de Salvador, o sertão baiano começa a ser desbravado (LEMOS, 1995).

Nestes percursos, as boiadas faziam paradas nas beiras dos rios, estabelecendo assim os currais, que viriam a se tornar fazendas, muitas das quais deram origem as atuais cidades. Assim, famílias como os Guedes de Brito e D'Ávila, formaram grandes extensões de suas fazendas pelas regiões dos estados atuais de, Pernambuco e Ceará.

Porém o processo de povoamento do interior somente se efetivou, com a descoberta do Ouro, não só na Bahia, mas também no Brasil nos últimos anos do século XVII. Movidos pela promessa de riqueza fácil, inúmeras pessoas, oriundas de diversos pontos do País, se aglomeraram aqui pela região.

A exploração desenfreada e sem controle, o medo do abandono das culturas litorâneas e dentre outros fatores, provocaram a suspensão da exploração aurífera

nas cabeceiras do rio Itapicuru, pelo então governo de D. Rodrigo da Costa, o qual não obteve êxito.

O povoamento se deu de forma rápida e desorganizada, provocado pela exploração aurífera em escala crescente e fora do controle oficial por parte da metrópole, levando a partir daí a criação de uma casa de fundição em Jacobina, “Vieram garimpeiros e demais aventureiros ávidos por uma gema que pudesse mudar as condições de vida, apesar de ser proibida a garimpagem. (FONSECA, 1995, p. 106).

Jacobina era vista na época como a “Canaã de suas venturas maiores” (COSTA, 1918, *apud* FONSECA, 1995, p. 106). A partir disto, observou-se um crescimento considerável da população, instalando-se às margens dos rios em cabanas distribuídas de forma desorganizada, com péssimas condições de vida e uma expressiva violência, gerando um cenário de desordem no arraial. Essa situação só mudou a partir da transformação em vila, promovida pela Coroa portuguesa, por Carta Régia de D. João V, em 5 de agosto de 1720, com o nome de Vila de Santo Antônio de Jacobina, sendo a primeira vila criada no sertão baiano, que se tornou uma das mais importante da região Centro-Norte do Estado.

O local escolhido para a vila recém criada foi a Missão Nossa Senhora das Neves do Saí (aldeia indígena). No entanto por estar distante das minas, a sede da vila foi transferida para a Missão do Bom Jesus da Glória, outra aldeia de índios. Em 1758, foi criada a freguesia de Santo Antônio de Jacobina, e só em 1880 pela Lei provincial número 2049 de 28 de julho, a freguesia passa a categoria de cidade, com o título de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina, cuja instalação só ocorreu em 11 de janeiro de 1893. (IBGE, 1958)

Quanto ao local inicial da cidade existem dúvidas, alguns defendem que foi onde está localizada a Igreja da Matriz, ou seja, próximos ao centro da cidade, outros colocam que o núcleo inicial foi onde está localizada o Largo da Missão, que se encontra no bairro da Missão, onde no local já existiam os índios payayás. No entanto, não podemos deixar de citar que no período já havia o trabalho de catequese feito pelos franciscanos, como também a influência da mineração que era muito forte, principalmente nas margens do Rio Itapicuru-Mirim.

Segundo alguns autores, a ocupação inicial deu-se através de cabanas distribuídas de forma desordenada, paralelas ao rio Itapicuru-Mirim, no trecho entre as praças da Matriz e o Alto da Missão, ambas construídas no século XIX. Porém, o crescimento de Jacobina, como já vimos anteriormente, foi condicionado pela exploração das minas de ouro desde o início do século XVIII e pela expansão da pecuária que já era intensa na região nesse período. Essa exploração do ouro foi que contribuiu para o crescimento da cidade, principalmente pelo grande número de garimpeiros que chegou a região em busca de fortuna a exemplo da implantação de empresas de mineração, sendo a primeira em 1887, a segunda em 1947 a terceira foi a Morro Velho que se instalou a partir de 1979 e fechou em 1997. O advento da mineração contribuiu com o aumento da população e consequentemente a expansão do tecido urbano que até hoje se apresenta de forma irregular, evidenciando a falta de planejamento posterior. (Figura 2)

Figura 2: Vista aérea da cidade de Jacobina



Foto: Arquivo da Prefeitura de Jacobina, s/d.

1.2.OS ASPECTOS CULTURAIS DA CIDADE DE JACOBINA

A cidade possui alguns festejos enraizados na cultura local, que sobrevivem ao longo da história, diante dos anseios da modernidade. Dentre estes podemos destacar: Marujada que tem varias décadas, o grupo dos Cães que geralmente saem na Micareta, a Caminhada da Luz, São Pedro da Jacobina II, o grupo de pífano de Pau-Ferro, Filarmônica da 2 de Janeiro e Filarmônica Rio do Ouro de Jacobina e entre outros.

A Marujada (Figura 3) é uma tradição cultural existente entre o Norte – Nordeste, e que possui características específicas que variam de acordo com a região onde está inserida, “[...]a diversidade de textos recitados ou cantados, mas também à própria forma de apresentação e a composição do grupo, em alguns casos constituídos de mulheres “[...] em outros, exclusivamente de homens, como é a de Jacobina.” (BRANDÃO;CARDOSO,1993,p.29). Em Jacobina, os percussores desses festejos são as famílias de Negros Carangueijo e Labatut.

Estas famílias se diziam descendentes da realeza africana, e sempre se apresentavam nos festejos de São Benedito e Santo Antônio. Eles tinham pouco apoio das autoridades, o que refletia nas dificuldades durante as suas apresentações. A estrutura de organização da Marujada é fixa, e conta com uma hierarquia, sendo composta por um almirante (mestre), dois generais, dois capitães, um contramestre, calafates (normalmente seis), e marujos em quantidade variável. O cargo de almirante é o único conquistado por direito adquirido, onde o mesmo deve pertencer a uma das famílias fundadoras.

Figura 3:Marujada



Fonte: ASSCOM/PMJ

Segundo informações do site Jornal Primeira Página, a Filarmônica 2 de Janeiro (Figura 4), é a terceira mais antiga do Estado da Bahia, a sua origem remonta , segundo os mais antigos, das notícias alvissareiras de ouro na Vila de Santo Antonio de Jacobina. Com a notícia se espalhando por todos os lugares, começaram a chegar comerciantes, garimpeiros e profissionais de diversas áreas e de todos os lugares do país, à procura de ouro, expandindo dessa forma o comércio da Vila.

Figura 4:Filarmônica 2 de Janeiro



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Jacobina

Dentre os que chegaram em Jacobina, estava a família Grassi, de origem italiana, mas que já residiam no Brasil, no Rio de Janeiro. Os três filhos da família tocavam instrumentos, e como os italianos gostam bastante de festas, faziam confraternizações todo fim de ano, ou quando seus negócios tinham lucro. Durante a Micareme, eles saíam nas ruas formando cordões, sempre animados pelos músicos tocando instrumentos de sopro. O número de entusiasmados crescia cada vez mais, foi quando os italianos resolveram assim, aumentar o número de músicos, mandando buscar mais instrumentos na Itália, em meados de 1877. Mas devido à dificuldade de transportes da época, só chegaram no final do ano.

Ainda de acordo com o site, para tocar um instrumento se exige tempo e dedicação, assim não foi possível preparar o grupo para a confraternização do dia 31 de dezembro, o que adiou a inauguração do grupo para o dia 2 de janeiro do ano subsequente. Assim, nas primeiras horas do dia 2 de janeiro de 1878, o grupo saiu pelas ruas acordando os moradores e sendo aplaudidos, ecoavam vozes eufóricas da população que diziam, "viva o 2 de janeiro!", "viva o 2 de janeiro!". Com isso resolveram colocar o nome do grupo de Filarmônica 2 de Janeiro.

O Grupo dos Cães surgiu por volta de 1940. Seu fundador foi o Sr. Valdemar Pereira da Conceição (popularmente conhecido por "Fecha Beco"). Conta-se que o grupo foi criado como uma forma de protesto ao fim do carnaval e início da quaresma, pois as festas neste período eram proibidas pela igreja católica. (Figura 5)

Figura 5: Os Cães



Fonte: Tribuna da Bahia – 2014

Os participantes do grupo pintam o corpo com uma mistura de óleos e corantes, o que confere a tonalidade preta característica do grupo, além de colocarem chifres em suas cabeças, imitando assim o que seria os “diabos”. Eles contam nas apresentações teatrais, a história do bem contra o mal. Fazem parte também dessa história, o anjo São Miguel, uma alma recém-chegada ao mundo dos mortos, uma mulher (esposa do diabo chefe), e o malandro Zé Pelintra.

Uma das maiores riquezas do grupo é a sua forma de apresentação e interação com o público, onde os componentes se misturam em meio aos presentes, que acabam entrando ou não na brincadeira. Normalmente os Cães se apresentam em um grupo de quinze pessoas, porém se o evento for de grande porte o número pode dobrar.

A Micareta “[...] parece ter-se originado em Jacobina em 1912, por iniciativa de Porcino Maffei, italiano aqui residente [...]” Como afirma a autora Doracy Lemos (1995, p.82). A Micareta é uma festa bastante popular, em que Jacobina disputa com Feira de Santana o título de primeira Micareta do Brasil. (Figura 6)

Figura 6: A Micareta



Foto: Fonte: RODRIGUES, J. (1936). Arquivo da Prefeitura de Jacobina

Antigamente blocos de mascarados desfilavam pelas ruas da cidade, com suas fantasias exuberantes, entoando canções em tardes alegres, acompanhados da população e dos músicos que tocavam. As músicas eram ensaiadas com antecedência, e na véspera da micareta os blocos saíam nas ruas durante a noite, para anunciar a grande festa que iria se iniciar.

Grandes bailes eram realizados em famosos salões da cidade, os quais eram frequentados pela elite. As classes menos favorecidas também participavam da festa, mas em seus próprios salões, como o “Feijão Furado” e o da “Mamona”, serpentinas e confetes, ajudavam a completar o encantamento da festa.

Atualmente, a micareta não dispõe mais do glamour dos bailes onde se originou. Muitos clubes já nem existem mais, e acabaram dando lugar aos trios elétricos que tem presença garantida nas ruas da cidade durante os dias da festa, arrastando milhares de pessoas.

O grupo de pífano de Pau-Ferro é um grupo centenário da cultura popular de Jacobina, e se originou no povoado que leva seu nome na banda, o Povoado do Pau Ferro. A família Mangabeira foi a que iniciou essa tradição, que mesmo com dificuldades, é passada de geração a geração. Fazem parte do grupo homens e mulheres, as mulheres são responsáveis pela dança e por entoar algumas canções.

Inicialmente as apresentações do grupo eram restritas as festas religiosas da comunidade do Pau Ferro, e povoados vizinhos. Só após a entrada do Coordenador de Culturas Populares José Manoel de Farias (Farias), para coordenar o grupo, foi que a Banda ganhou mais visibilidade e passou a aceitar convites para eventos culturais diversificados.

1.2.1.A Micareta

Os primeiros resquícios sobre a micareta em Jacobina remontam da década de 1912, e tem como precursor o Italiano que aqui residia Porcino Maffei, o qual organizou o bloco “As copas”. Inicialmente a Micareta era denominada como Micareme (Mi-carême palavra de origem francesa), o qual significa “meio da quaresma”. A micareta era realizada em meio aos festejos da páscoa, a queima do Judas na praça da Matriz, rotineiramente irritava o vigário da paróquia que ali foi estabelecida como sede em 1938. Segundo os arquivos históricos, para o padre era inconcebível toda aquela algazarra e comilança, visto que o senhor ainda não havia ressuscitado (SANTOS, 2001).

Alguns conflitos se seguiram neste sentido, visto que a população não abria mão da festa, e as lideranças religiosas locais eram contra tal evento neste período, foi então que o Proprietário do jornal “O lidador”, o qual pertencia a um grupo político que apoiava as ideias progressistas de “modernidade”, enfatizou que o excesso de zelos religiosos do padre estavam desconsiderando a cultura e os costumes locais. Em 1951, sobre a influência de religiosos importantes, os festejos da micareta passaram a ter início no segundo domingo de páscoa.

Imersos pela mudança da paisagem urbana colonial, instigados pelo exemplo do Rio de Janeiro, que despontava como modelo de centro urbano civilizado inspirado nos moldes Franceses, em 1914 a micareme veio a se realizar pela primeira vez na cidade de Salvador, uma festa feita para a elite com influências da burguesia europeia. Os luxuosos desfiles cercados por cordas aconteciam pelas ruas da cidade, e eram observados pela população menos favorecida. Com o tempo

a festa se desvalorizou na capital, pois não havia mais sentido desfilar todo aquele luxo, sem uma plateia. Tentando reavivar a festa em Salvador, em 1935 os organizadores resolveram mudar o nome de Micareme para Micareta, em uma tentativa frustrada de resgatar a festa.

Enquanto a micareta perdia seu valor na capital, ela se valorizava em Jacobina, por ir justamente contra o que a fez perder o seu valor em Salvador. Os blocos desfilavam pelas ruas da cidade alegres e cantantes nas tardes de folia, como podemos notar na figura 7.

Figura 7:Foliões pelas ruas da cidade, desfilando em carro



Fonte:RODRIGUES,J.(1936).

As canções entoadas eram ensaiadas com antecedência pelos participantes. Grupos mascarados (Figura 8) eram compostos também como afirma (LEMOS, 1995) por senhoras de idade, que desejavam participar das alegrias momescas. Às vésperas da micareta, no sábado, blocos saíam pelas ruas anunciando a chegada da grande festa. Os grandes clubes consolidavam suas festas a cada ano, e as classes menos favorecidas também possuíam locais para realizar os seus bailes, como o clube do “Feijão furado” e o da “Mamona”.

Figura 8:Bloco as Caretas



Fonte: Centro Cultural de Jacobina, s/d.

Atualmente os clubes que fizeram história na micareta de Jacobina não existem, a tradição dos blocos de rua (Figura 9) entoando canções foi deixada de lado a medida que os trios elétricos começaram a fazer parte da festa. Estes arrastam milhares de pessoas pelas ruas da cidade durante a micareta, seja dentro ou fora dos blocos, permitindo assim a participação de toda a população.

Figura 9:Os Irmãos Metralha



Fonte: Centro Cultural de Jacobina, s/d

2.AS BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS DA PESQUISA

2.1. A PERCEPÇÃO NA GEOGRAFIA

A Geografia da percepção também chamada de Geografia humanística, surgiu para confrontar a Geografia Tradicional, esta que desconsiderava a ação de cada indivíduo, bem como a criatividade e a subjetividade. Considerava apenas elementos quantitativos e espaciais, menosprezando o papel do ser humano e sua relevância para o espaço.

Essa inquietação data dos anos vinte com as idéias de Sauer, que sugere um estudo crítico da paisagem, a relação homem/ambiente por métodos fenomenológicos. Em 1947 o presidente da Association of American Geographers (AAG) John Kirtland Wright, fez um discurso incitando os geógrafos a explorar o estudo da imaginação “terras incógnitas pessoais”.(HOLZER,p.138).

O crescente domínio da geografia quantitativa na década de sessenta, traz à luz um novo olhar dos estudos de Whight, por David Lowenthal. A proposta de Lowenthal (1961) é uma nova epistemologia para a geografia, no qual o ponto de partida seria a “geosofia” contendo vários modos de observação, dentre os quais: subjetivo/objetivo, consciente/inconsciente.

Corroborando com essa premissa o trabalho de Tuan também em 1961, sugere uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza, o qual ele denomina de Topofilia. Onde a geografia se dedicaria ao estudo das vivências, das sensações. Através destes trabalhos, a geografia iniciaria os primeiros passos para uma renovação radical.

Neste período as pesquisas voltadas para percepção ambiental, viabilizaram a junção de linhas de pesquisas geográficas diferentes, estes interessados em contribuições da antropologia, psicologia e sociologia para suas áreas. O encontro anual da AAG em 1965 indicou que o ponto de partida para a renovação seriam o “meio pessoalmente apreendido” e as “aproximações humanísticas” (HOLZER,p.139).

Por oportuno, cabe ressaltar a importância dos movimentos intelectuais no final dos anos sessenta, dentre estes: o movimento hippie, a revolta estudantil, e o questionamento dos padrões impostos em todos os âmbitos instituídos, o qual contribuiu para a autonomia do campo da geografia humanista.

Assim sendo, a Geografia da percepção de acordo com Relph (1979) tem como seu objeto de estudo, o padrão pessoal de atividades e encontros com lugares e paisagens. Segundo Chauí (1999) há várias vertentes de teorias sobre a percepção, dentre as quais se podem destacar a Empirista, Fenomenologia do Conhecimento e a Racionalista Intelectual.

Um dos primeiros geógrafos a estudar o espaço pela ótica da percepção foi o Chinês Yi- Fu Tuan. Para o autor,

Percepção é tanto a resposta de estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, [...] para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980, p.4)

A percepção depende então de um conjunto de sensações, as quais são responsáveis pela maneira a qual os indivíduos vêem o mundo, havendo tantos mundos quantas forem as percepções, “[...]é um certo modo de a consciência relacionar – se com as coisas, quando as toma como qualitativas[...] é uma vivência”(CHAUÍ, 1995, p.236). Pois cada pessoa depende de informações e referenciais adquiridos ao longo de sua vida, para assim interpretar e interferir no meio onde se encontra.

Para compreender a percepção, temos que conhecer a noção de sensação, no qual para Merleau- Ponty, está ligada as sensações em movimento, ligadas à atitude corpórea, onde a apreensão dos sentidos se dá pelo corpo. Os fenômenos são os elementos que delimitam a percepção realizada pelo sujeito que sente o mundo. Sendo assim, “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo comunico – me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14).

Assim, a geografia humanista busca compreender ao invés de explicar, privilegiando o singular, ressaltando os sentimentos, propósitos e valores da ação

humana. Para Capel (1981, p. 443), a geografia humanista “[...] é um desenvolvimento em Geografia da dimensão subjetiva e da experiência pessoal, realizada pela Geografia da percepção e do comportamento”.

Também é importante ressaltar que para entender o mundo vivido, a geografia humanística busca respostas através de indagações a respeito da maneira como as pessoas adquirem habilidades e conhecimentos espaciais e de que forma se torna envolvidas com o lugar, o que permite reconhecer a importância do estudo do lugar, em tais estudos. Logo, é neste campo do conhecimento geográfico que traz a inclusão da “natureza e a gama de experiências e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambiguidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas” (TUAN, 1983, p.10).

2.2. FENOMENOLOGIA

A fenomenologia tem sua origem na Alemanha com Immanuel Kant, este que foi o primeiro pensador a romper a tradição cartesiana, modificando os olhares para uma nova filosofia. Uma parte da filosofia do século XX, foi influenciada pelo movimento fenomenológico, que após ser retomado pelo matemático e filósofo alemão Edmund Husserl, definiria como objeto de estudo a essência e não o fato. Mais tarde esse movimento viria atingir todas as áreas de Ciências Humanas.

Para Santos, Chauí (1995, p. 236 apud SANTOS, 2011, p. 16-17), “resume o pensamento de Husserl, com relação a fenomenologia, destacando três tarefas principais:

- Separar psicologia e filosofia.
- Manter o privilégio do sujeito do conhecimento ou consciência reflexiva diante dos objetos.
- Ampliar/renovar o conceito de fenômeno.

“Estas tarefas expressam bem o papel da fenomenologia de Husserl, que é vista como um método que pode ser aplicado nas diversas ciências do conhecimento”. (SANTOS, 2011, p. 17)

O mundo científico e da objetividade, é imperado apenas por conceitos, estando o homem ausente. Quando falamos das reflexões pela ótica fenomenológica, não se descarta a objetividade científica. Mas se procura uma aproximação do mundo com as experiências humanas do cotidiano, as quais “tem a ver com princípios, com a origem do significado e da experiência” (RELPH 1979,p.1).

Assim, na fenomenologia os acontecimentos tem que ser estudados de forma individual, mas procurando uma ligação com os demais fenômenos. As pesquisas de cunho fenomenológico ressaltam em especial a subjetividade dos colaboradores ao descreverem a objetividade aparente.

A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão,[...] e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e manifestação ocorrem. [...] o sujeito expõe aquilo que faz sentido,ou seja,ele relata, descreve o percebido (BICUDO,2000,p.74).

A maioria dessas pesquisas de cunho qualitativo, enfocam o social através de abordagens históricas, participativas e observacionais. Se sobressaindo por tratar dos fenômenos subjetivos derivados da realidade vivida dos sujeitos. Trabalhando com dados fornecidos por descrição, porém buscando ir além através de análises e interpretações, destes fatos experienciados dos sujeitos. Tuan (1980), ainda diz que os fenômenos devem ser vividos, para depois serem compreendidos tal qual são.

A maneira pela qual as pessoas representam as palavras para si mesmas , como elas copõem seus discursos reais, revelam ou ocultam o que estão pensando, deixando assim alguns traços verbais de seus pensamentos que podem e devem ser traduzidos.Para Merleau – Ponty (1964/1992) a percepção seria uma espécie de porta giratória, na qual quando uma face se mostra, a outra se torna invisível.

A Geografia fenomenológica está pautada na percepção, considerando o mundo vivido. Pois o descrito é a vivencia do fenômeno que se busca analisar, e sua compreensão fica mais clara quanto maior for o esforço de investigar o mesmo (GARNICA, 1997).O espaço da categoria de análise sendo este,das discussões do

imaginário, fantasias e representações , é descrito na fenomenologia por Lecione, como:

O espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. Essa Geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço. (LECIONE, 2003, p.152)

Assim para a fenomenologia, apreender o espaço é considerar o vivido e o percebido inserido na realidade subjetiva dos sujeitos, dando um caráter mais humano aos significados e percepções das ações dos indivíduos através das praticas sociais. Sobre isso Buttimer (1982), diz que a fenomenologia é uma reflexão filosófica entre os termos de significado e significância.

Nesta mesma linha, Pereira (2003) reconhece que, a geografia fenomenológica utilize uma orientação metodológica que enfatize o estudo de eventos únicos, incorporando o individuo no processo de construção do conhecimento, e que priorize aspectos voltados para experiência, intuição, sentimentos e subjetividade.

2.3. ESPAÇO, LUGAR E MEMÓRIA

O espaço e o lugar podem ser reconhecidos dentro das categorias da geografia como fundamentais para os estudos da percepção, assim como para o método fenomenológico.

Para Relph (1979, p.8), “espaço é um conjunto contínuo dinâmico no qual o experimentador vive, desloca-se e busca significados. É um horizonte vivido, ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas”. Ou seja, ele considera que, “os espaços não são vazios abandonados aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são os contextos necessários e significantes de todas as nossas ações e proezas”. Já o lugar é onde estão as nossas realizações, a nossa proximidade na realização da vida, e Relph (1979, p. 16-17), considera que, “lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização.

Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”.

Neste contexto, o lugar é fundamental, trata-se de um modo particular de relacionar as diversas experiências do espaço, pois concentra nossas intenções e dá significado especialmente ao espaço vivido. A utilização de espaço e lugar como categorias nos estudos da percepção permite caracterizar a imagem dessa cidade pelos seus moradores. Segundo Ferrara (2000, p. 124):

O lugar na cidade está permeado pelo tempo do espaço social que contracena com a cidade como espaço físico. Identificar os lugares da cidade supõe perceber o processo de imagens presentes e passadas que o qualificam e atestam um modo de apropriação.

Para Santos (2011), são os lugares de nossa existência e de nossas ações, que estão inseridos num contexto maior que é o espaço. Espaço este cheio de significados e símbolos para o usuário, onde se insere um mundo-vivido social ou cultural. No entanto, o significado de espaço comumente se funde com o de lugar. Embora diferenciados não podemos conceitualizar um sem o outro, mesmo não havendo limites precisos entre eles. A experiência é que define estes limites, o que começa como espaço transforma-se em lugar à medida que experienciamos através do nosso cotidiano.

Experienciar o espaço ou o lugar requer o despertar da memória, em que a mesma permite as lembranças dos acontecimentos presentes ou passados. Abreu (1998, p. 10) define memória “como uma categoria biológica/psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações”.

Pode-se referir à memória individual, particular de cada um na qual serve de contribuição para a recuperação da memória das cidades e particularmente do lugar. Partindo dela, ou mesmo de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas, atingindo momentos passados que já tenham desaparecido, servindo de leitura para o presente, contribuindo também no resgate da identidade de um lugar, assim como de eventos passados (ABREU, 1998).

Para Nora (1993, apud SANTOS, 2011), a memória, seja ela coletiva ou individual, é sempre seletiva, porque as pessoas só se lembram daquilo que querem se lembrar, o que faz da memória “parcial, descontínua e vulnerável a todas as

utilizações e manipulações”. O autor enfatiza que a memória costuma selecionar de acordo com os interesses. Assim, neste trabalho a memória dos moradores idosos com relação a micareta do passado ou do presente é um resgate das lembranças que podem ser confrontadas com o presente.

3.MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A MICARETA PELO OLHAR DOS IDOSOS

3.1 ANÁLISES E RESULTADOS

Com o desígnio voltado às questões relacionadas à percepção dos idosos sobre a micareta de Jacobina, esta pesquisa desenvolveu-se, considerando as noções teóricas apresentadas no segundo capítulo. À medida que foram importantes para compreender os sentimentos e valores dos sujeitos pesquisados.

É importante ressaltar, que o estudo de caso foi apropriado para esta pesquisa, buscando através das experiências vividas pelos moradores idosos da cidade de Jacobina, compreender a percepção dos mesmos com relação a micareta do presente e do passado.

A princípio, as leituras das bibliografias referentes à temática foram de grande importância para a compreensão dos conceitos e teorias que delimitam a pesquisa referente à percepção. O método utilizado foi o fenomenológico, que possibilitou o entendimento do lugar, observado a partir da vivência dos idosos entrevistados. Nas palavras de Mello (1990, apud SANTOS, p. 62-63), “a fenomenologia interpreta a apreensão das essências através da experiência vivida [...]”. Assim, como, a técnica através das entrevistas gravadas com os moradores, como forma de coleta de dados, o qual foram realizadas cinco entrevistas com moradores idosos de classes distintas, considerando a partir de 65 anos. As entrevistas seguiram um roteiro pré-estabelecidos, porém os entrevistados tinha a liberdade de falar sobre o assunto questionado.

Após as entrevistas foram realizadas as transcrições para as análises das respostas, para que se pudesse compreender qual a percepção dos entrevistados

com relação a micareta da cidade de Jacobina. Logo a seguir serão listadas e apresentadas as análises, que segue pela forma como foi questionado na entrevista.

3.1.1 O significado da micareta

É possível verificar através das falas dos entrevistados, que as Micaretas de outrora tinham um significado de felicidade para os mesmos, por ser também uma das poucas opções de festa na cidade à época. A festa atualmente para alguns possui pouco significado, por não frequentarem mais a mesma.

A micaretaa da agora não, o antigo era melhor eu gostava mais que era aqui na praça, eu gostava de assistir, nunca gostei de pular mais gostava de assistir. Tinha o pessoal mascarado era com mascara, com pirror, não tinha essa violência que tem agora. Os cão que saia na rua eu ainda tinha medo, era velha mais tinha medo (risos) sentia assim um negocio, um pavor com eles. (I. P dos S. 66 anos).

Bom, hoje pra mim ela não significa mais nada, porque já tô nessa idade não tem nem como eu dizer que significa pra mim. Mas na década de 62 até 67, significava muito, porque eu quando jovem meus pais não deixava brincar micareta, mas quando eu me casei meu marido gostava de micareta, carnaval essas coisas, aí eu passei a participar com ele né, e os irmãos dele, irmãs. (J.L.C. 75 anos).

Percebe-se o saudosismo, assim como sentimentos despertados de medo/alegria, e liberdade são perceptíveis nas falas dos indivíduos. Uma questão bastante enfatizada na fala dos entrevistados desde o começo da entrevista, se refere principalmente pela maneira como as festas aconteciam, tranquilidade e a inocência das pessoas que brincavam dia e noite adentro pelas ruas e bailes disputados da cidade, também os Cães são lembrados como presença nos festejos (Figura 10). Assim verifica-se como a micareta é percebida em dois momentos diferentes, e que é na percepção do morador que a memória do passado também se apresenta no futuro. Assim, para Santaella (1983, p. 51),

Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido”, ou seja, a mediação feita entre o sujeito e o fenômeno é elaborada pela

consciência, fundamental para que se possa interpretar o objeto percebido.

Figura 10: Bloco os Cães



Fonte: Centro Cultural de Jacobina. (2016)

3.1.2. Conhecimento acerca da História da Micareta

É nítido o pouco conhecimento da história da micareta por parte de alguns moradores, mesmo os mais antigos, seja por falta de interesse ou outro motivo. Assim como também é nítido o conhecimento que muitos trazem na memória e que eram contados por seus pais e afins. Mesmo não tendo sido experienciados em um dado momento pelos entrevistados, percebe – se durante a entrevista o sentimento de afetividade com o fenômeno.

Não, isso aí o que Thiago falou né. Mais eu mesmo num sei não como foi que surgiu, uns diz que foi aqui em Jacobina, outros diz que é em Feira, aí fica essa confusão. Num sei, a verdade se é, foi aqui ou se em feira num é?! A gente fica sem saber. (I. P dos S. 66 anos).

[...] já comecei a ver a micareta de 49. Quem fazia a micareta daqui era uma senhora, Dona Marcolina. Era uma micaretinha fajuta de pobre, não tinha luxo. Naquele tempo ninguém tinha luxo mesmo, 49 por aí ninguém tinha luxo, era o tamanco, era aquelas coisas assim, as roupas, aquelas roupinhas de xita fajuta, tudo isso. Então ela fazia essa micareta, todo ano, três dias de micareta. (A.F.A. 86 anos).

Jacobina foi uma primeira cidade que quando iniciou a micareta, antigamente a micareta não era no clube como na época da minha mãe, minha mãe disse que saia os cordões na rua, carro assim,

improvisava um carro e saia elas fantasiada, tinha a rainha da micareta, a princesa, era uma festa mais assim na rua, depois passou a ser nos clubes... (M.J. M da S. 65 anos).

Podemos perceber na fala de alguns entrevistados, a simplicidade que remonta as primeiros micaretas na cidade de Jacobina, assim como podemos observar na figura 11, as ruas sem calçamento, e o improviso no carro para o desfile pelas ruas.

Figura 11:Carro improvisado



Fonte: Centro Cultural de Jacobina. (2016)

3.1.3. Participação na Micareta

É importante verificar na fala de alguns sujeitos, o caráter bastante segregador de classes sociais das micaretas antigas, visto que não eram todas as pessoas que tinham acesso aos luxuosos bailes dos clubes na cidade. Para outras pessoas, a participação também estava condicionada a permissão dos familiares ou marido, o que ressalta os valores culturais e familiares da época.

[...]eu assistia a micareta na rua, porque pobre não entrava no clube que não podia, só se o pobre fosse de meio e tivesse carteira de sociedade. (A.F.A. 86 anos).

[...] quando jovem meus pais não deixava brincar micareta, mas quando eu me casei meu marido gostava de micareta, carnaval essas coisas aí eu passei a participar com ele né, e os irmãos dele, irmãos Hoje eu não brinco mais, parei desde que meu marido morreu. brinquei brinquei brinquei, quando também não tinha filinho pequeno né. Até 69, brinquei depois disso não. De vez em quando eu ainda ia na rua e olhava, hoje eu não tenho mais...hoje não dá mais nem gosto ir pra micareta só tem mais empurra empurra, confusão. (J.L.C. 75 anos).

A gente participava mesmo ativamente, e tinha os mascarados, e que eu quando era criança eu mesmo tinha um medo, e tinha hoje chama os cão né! Hoje é cultura, eles saiam na rua correndo atrás das crianças, aí todas criança tinha o maior medo, eu cheguei até a me esconder debaixo da cama com medo...Atualmente não brinco mais, o marido não gosta [...]Eu gosto de brincar participar mesmo, mas infelizmente não dá mais. (M.J. M da S. 65 anos).

Percebemos na fala de alguns entrevistados, que os mesmos deixaram de frequentar a Micareta pela mesma ter tomado maiores proporções e não possuir o controle que havia nas festas antigas, seja por quantidade de participantes, ou questão cultural, no sentido da educação e valores morais, nos quais os sujeitos usam com frequência os exemplos de músicas da atualidade. Sobre isso, Tuan(1980) afirma que "...muito do que percebemos tem valor para nós, [...] para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980, p.4).

3.1.4. Importância da Festa para a Cidade

No geral os entrevistados consideram a festa muito importante para a cidade, principalmente no quesito econômico. Assim como também colocam que a festa é muito importante para a juventude. Boa parte também lamenta a festa não estar sendo realizada nos últimos dois anos, atribuindo a isso na sua concepção o desinteresse do poder público.

Pra cidade é muito boa né, pra os barraqueiros ganhar seu dinheirinho né, e as pessoas também que gosta de brincar, eu num acho contra não, acho bom. Quando num vai ter mesmo agora, diz que num vai ter, eu acho quem gosta o jovem muito bom, agora eu mesmo num faço questão, se acabasse podia acabar, agora o jovem não. (I. P dos S. 66 anos).

Antigamente a importância que tinha, é porque só tinha aquela festa, não tinha outra festa, a não ser a primeiro do ano... (A.F.A. 86 anos).

Micareta tanto gera recursos econômicos, como anima a cidade, trás pessoas de fora, tão os hotéis tem renda maior, eu acho que anima mais a cidade. (M.J. M da S. 65 anos).

....Mas o que mais me chama atenção é ver a comunhão nesse momento, a união de todas as classes, branco, preto, pobre, rico, médio. Nesse momento da rua, quando os trios tocam, quando as bandas tocam, ninguém faz a separação nenhuma de diferença, é diferente da festa que tem na Aurora agora dia 28, que vai lá quem pode pagar 40, 50 por uma cadeira pra sentar. A micareta tem esse favorecimento, a rua é a rua. É de todos (Z.F da S.A. 71 anos).

Os sujeitos da pesquisa ainda reforçam o clima de felicidade trazido pela Micareta, por dar um novo animo não só para os que participam/participavam da festa, mas por trazer benefícios econômicos e sociais. um brilho para a cidade como um todo.

3.1.5 Percepção entre a Micareta de Hoje e a do Passado

Os entrevistados descrevem uma grande diferença entre a micareta de hoje e a do passado, essa diferença eles atribuem a alguns fatores, como crescimento da festa, o trio elétrico, e a mesma ter se tornado predominantemente uma festa de rua. Para Oliveira (1977, p.61), “a percepção deve ser encarada como uma fase da ação exercida pelo sujeito sobre os objetos, pois as atividades não se apresentam como simples justaposições, mas como um encadeamento, em que umas estão ligadas as outras”, Importante verificar a leitura que os idosos fazem das duas micaretas, pois só assim é possível perceber que existe diferenças marcantes, como se observa nas figuras 12 e 13.

Agora tem trio, e naquele ano passado não tinha era bandas, seu Amado mesmo tocando, tinha a 2 de Janeiro que tinha uma banda que tocava, mais agora não, é trio NE?! Trio eletico , começou ter os tríos, e eu achei que ficou melhor, mais ai dos clubes também acabou, que aí na aurora mermo não tem mais , no Leader também não tem mais, aí acabou só o da rua mermo. (I. P dos S. 66 anos).

Era muito bom, aquela época foi uma época muito boa. Aí hoje já é diferente, hoje já não tem mais aquela tradição , já é aqueles trio eletico, já é esse povo vestido de abada,e essas músicas que tem música que não da nem pra gente ouvir, umas músicas com umas letras muito, eu não quero dizer que é feia, é horrorosa. Eu mesmo não gosto. Mas as músicas de antigamente...ave Maria era bonita demais, tinha “oh Jardineira porque está tão triste...”. Hoje a micareta está muito diferente ,do que era antigamente, antigamente não, era tudo sadio. (J.L.C. 75 anos).

A micareta de agora eu acho que existe mais violência, porque hoje ta o povão na rua, tem a proteção da corda, que eu acho que provoca também um pouco de violência, pois as pessoas que tão fora ficam a rivalidade por não ter a condição financeira de participar do bloco, de comprar um abadá. E aí começa a gerar violência, Se fosse sem corda talvez fosse melhor, apesar de não ter segurança pra as pessoas daquele grupo, mais não gerava tanta violência. A do passado, eu acho que a do passado nós tínhamos mais organização, a quantidade de pessoas que participava eram menor, então não tinha aquela multidão que hoje existe né! A cidade cresceu e também a população, e a quantidade também de blocos, porque quanto maior o numero de pessoas maior a renda pra o bloco né isso! Hoje se preocupa mais em angariar dinheiro, que investir na animação e segurança. (M.J.M da S. 65 anos).

Figura 12: Micareta no passado



Fonte: Centro Cultural de Jacobina, s/d

Figura 13: Micareta nos dias atuais



Fonte: <http://g1.globo.com/bahia>

É importante destacar na fala de alguns entrevistados, estes que tinham um poder aquisitivo maior e que frequentavam as festas nos clubes (Figura 14), uma certa aversão devido a hoje em dia, não haver uma distinção de classes evidente na festa de rua. Ou seja, o fato de a principio não ser possível saber com exatidão, as origens familiares de certos foliões, e caso isso de algum modo viesse a lhe trazer algum tipo de inconveniente, implicaria dificuldade de resolução do fato.

Figura 14: Baile Vermelho e Branco no clube 2 de Janeiro



Fonte: Centro Cultural de Jacobina. s/d

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve por finalidade analisar a percepção das lembranças dos moradores idosos em relação à micareta de Jacobina. Neste sentido, uma das análises geográficas que se coloca, diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço no qual estão presentes. Assim, podemos constatar que existem diferentes percepções da micareta, as quais variam de acordo com as experiências dos sujeitos, cujo as quais foram exemplificados nas falas dos entrevistados.

As percepções no geral têm em comum o saudosismo das festas de outrora. Mas, é importante destacar que as lembranças dessas vivências, trouxeram também, o destaque para o grande caráter segregador das micaretas antigas. E que este preconceito ainda permanece mesmo que de forma velada, na fala de alguns sujeitos. Por oportuno cabe ressaltar que a Micareta de Jacobina é uma das mais antigas do Brasil, senão a mais antiga, já que a mesma disputa com a cidade de Feira de Santana – BA, o título da primeira do País.

Importante também ressaltar o entusiasmo e brilho nos olhos, expressos nas ações dos sujeitos durante a entrevista. O que denotam as vivências de alegria experienciadas pelos mesmos ao longo das micaretas nas quais se fizeram presentes. Neste sentido vale ressaltar o sentimento de pesar, por parte de alguns sujeitos, devido a não realização da festa nos últimos dois anos.

Com a pesquisa também se constatou o sentimento de pesar que os moradores idosos trazem com relação a algumas perdas de valores sociais, e aos quais se referem principalmente as músicas, e o índice de violência que atualmente permeia as festas da Micareta, tais fatores são também empecilhos que corroboram para a não participação destes idosos nas festas atuais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, LAGET/UFRJ, ano III, n 4, jan./jun, Rio de Janeiro: Garamond, 1998. p. 5-26
- BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. 2. ed., São Paulo: DIFEL, 1985.
- CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciência em La Geografia contemporánea**. Barcelona. BARCANOVA, 1981.
- CHAUI, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CHAUI, Marilena. **Convite a filosofia**. 12.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- GARNICA, A. V. M. **Some notes on qualitative research and phenomenology**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Os significados urbanos**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FONSECA, Antonio Ângelo Martins da. **Poder, crise regional e novas estratégias de desenvolvimento: o caso de Jacobina - Bahia**. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.
- HOLZER, Werther. **A Geografia humanista: uma revisão**. Espaço e cultura, UERJ, RJ, Edição comemorativa.
- IBGE. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA** - Diretoria de pesquisas – DPE – Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS.
- LECIONE, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003
- LEMO, Doracy Araújo. **Jacobina, sua história e sua gente**. 1. ed. Jacobina, 1995.
- MERLEAU – PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, Livia de. **Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica**. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, 2(03), 1977.
- PEREIRA, Anete Marília. **A ciência geográfica: métodos e tendências do pensamento e da abordagem. Notas de aula**. Montes Claros: UNIMONTES/Dep. Geociências, 2003. (mimeo)

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **GEOGRAFIA**, São Paulo, v. 4(7), 1979. p. 1-25

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Jorima Valoz dos. **A percepção dos aspectos topofílicos e topofóbicos do bairro Pontal da Barra-Maceió (AL) pelos seus moradores**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950)**, Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, SP, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de liveira, São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

Prefeitura de Jacobina. Disponível em:

<http://www.jacobina.ba.gov.br/index.php?page=paginas&id=1> acesso em: 21/11/2015.

Jornal Primeira Página. Disponível em:

<http://www.jornalprimeirapagina.com.br/edicao784/falamonica.htm>. acesso em: 18/11/2015.

Os Cãos. Disponível em: http://caosjacobina.blogspot.com.br/2010/03/os-caos-de-jacobina_14.html. acesso em: 18/11/2015.

Pifanos do Pau Ferro. Disponível em: <http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/videos/v/pifanos-pau-de-ferro-mantem-tradicao-em-jacobina/3850792/>. Acesso em: 20/11/2015.

Banda tradicional de cultura popular. Disponível em:

<http://www.cidadedooouro.com.br/2010/04/banda-tradicional-de-culturas-populares.html>. acesso em: 18/11/2105.

Estimativa da População. Disponível em:

http://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_2015_TCU_20160211.pdf . acesso em: 10/04/2016

APÊNDICES

ENTREVISTADORA: THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

NOME:

SEXO:

ESTADO CIVIL:

IDADE:

PROFISSÃO:

GRAU DE ESCOLARIDADE:

1 –O que a micareta de Jacobina significa para o Sr. (a)?

2–O que o Sr.(a) conhece da história da micareta em Jacobina?

3–Costumava brincar ou ainda brinca na micareta?

4 – Fale sobre a importância da micareta para a cidade.

5 – Qual a sua percepção da micareta de hoje e a do passado.

ENTREVISTADORA: THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

NOME: IVONE PIRES DOS SANTOS

SEXO: FEMININO

ESTADO CIVIL: SOLTEIRA

IDADE: 66 ANOS

PROFISSÃO: MANICURE

GRAU DE ESCOLARIDADE: FUNDAMENTAL I

1 –O que a micareta de Jacobina significa para o Sr. (a)?

A micaretaa da agora não, o antigo era melhor eu gostava mais que era aqui na praça, eu gostava de assistir, nunca gostei de pular mais gostava de assistir. Tinha o pessoal mascarado era com mascara com pirror, não tinha essa violência que tem agora. Os cão que saia na rua eu ainda tinha medo, era velha mais tinha medo (risos) sentia assim um negocio, um pavor com eles. As festas eram nos clubes, ai na aurora mesmo aqui, na 2 de Janeiro na aurora, no leader que tinha o baile vermelho e branco, era no leader, aí a aurora tinha matine aí de noite até quatro horas da manhã, cinco. Todo mundo de mascara ,todo mundo mascarado mais num tinha confusão nenhuma, aqueles pirror aquelas mascaras no rosto, entrava todo mundo.

2–O que o Sr.(a) conhece da história da micareta em Jacobina?

Não, isso aí o que Thiago falou né. Mais eu mesmo num sei não como foi que surgiu, uns diz que foi aqui em jacobina, outros diz que é em feira, aí fica essa confusão. Num sei ,a verdade se é, foi aqui ou se em feira num é?! A gente fica sem saber.

3–Costumava brincar ou ainda brinca na micareta?

Nunca gostei de brincar, desde pequena sempre gostei de apreciar, olhar, agora pular mesmo nunca gostei. Nunca mais eu fui , já tem um tempo , depois que passou lá pra cima, que era aqui na praça no jardim né, eu ia muito, mais depois que passou pra lá fui poucas vezes, poucos anos que eu fui. E tem bem uns oito anos ou mais que eu não vou. Num gostei mais de ir (risos) a violência sei lá, perdi o estímulo de ir olhar.

4 – Fale sobre a importância da micareta para a cidade.

Pra cidade é muito boa NE, pra os barraqueiros ganhar seu dinheirinho NE , e as pessoas também que gosta de brincar, eu num acho contra não, acho bom. Quando num vai ter mesmo agora, diz que num vai ter, eu acho quem gosta o jovem muito bom, agora eu mesmo num faço questão, se acabasse podia acabar, agora o jovem não.

5 – Qual a sua percepção da micareta de hoje e a do passado.

Agora tem trio, e naquele ano passado não tinha era bandas, seu Amado mesmo tocando, tinha a 2 de Janeiro que tinha uma banda que tocava, mais agora não, é trio NE?! Trio eletico , começou ter os trios, e eu achei que ficou melhor, mais ai dos clubes também acabou, que aí na aurora mermo não tem mais , no Leader também não tem mais, aí acabou só o da rua mermo. Hoje as pessoas participam mais, naquele tempo so entrava nos clubes quem era sócio, tinha essa besteira também assim. Quem era da Aurora não podia entrar na 2 de Janeiro, tinha esse negocio essa rivalidade, de num entrar na Aurora, nem entrar na 2 de janeiro quem era da Aurora. Num sei se era disputa, não sei o que era, mais era assim.

ENTREVISTADORA: THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

NOME: ALICE FERREIRA ALVES

SEXO: FEMININO

ESTADO CIVIL: VIÚVA

IDADE: 86 ANOS

PROFISSÃO: DONA DE CASA

GRAU DE ESCOLARIDADE: FUNDAMENTAL I

1 –O que a micareta de Jacobina significa para o Sr. (a)?

Pra mim é só lembranças, boas, naquele tempo não tinha briga, num tinha...cachaça toda vida teve, em tudo quanto foi lugar. Mais ninguém brigava, era tudo, brincava sem raiva sem, sem, era assim, num tinha...aquelas,essas ruas era tudo sem calçamento, num tinha calçamento, num tinha nada. Era assim .boa...era boa, era melhor de que essa, dez milhões melhor do que é hoje. Porque hoje tem aquele negocio de briga, um mata o odo, o odo bate.

2–O que o Sr.(a) conhece da história da micareta em Jacobina?

Eu cheguei aqui em 48, já comecei a ver a micareta de 49. Quem fazia a micareta daqui era uma senhora, Dona Marcolina. Era uma micaretinha fajuta de pobre, não tinha luxo. Naquele tempo ninguém tinha luxo mesmo, 49 por aí ninguém tinha luxo, era o tamanco, era aquelas coisas assim, as roupas, aquelas roupinhas de xita fajuta, tudo isso. Então ela fazia essa micareta, todo ano, três dias de micareta. Agora eu assistia a micareta na rua, porque pobre não entrava no clube que não podia, só se o pobre fosse de meio e tivesse carteira de sociedade. E tinha aquela micareta na rua, tinha aqueles como os mininos dizia Careta, aqueles cara mascarado de bixo, mascarado de cão, de todos esses bicho assim. Naquele tempo agente ia olhar porque era o que tinha.

3–Costumava brincar ou ainda brinca na micareta?

Só ia olhar na rua, porque caiu de moda pra mim, já era casada, quando vim pra cá, já era casada,já era mãe de Família,já tinha filho, tava nos dois filhos já, marido aquela coisa toda,não, e ele também não opiniava também, meu marido não opiniava, festa de jeito nenhum, só pra olhar assim na rua como a gente ia olhar.

4 – Fale sobre a importância da micareta para a cidade.

Antigamente a importância que tinha , é porque só tinha aquela festa, não tinha outra festa,a não ser a primeiro do ano, é... nem o Natal aqui não festejava , natal , são João, não...era o primeiro do ano. A importância que tem hoje é principalmente pra os jovens, quem gosta, eu mesmo não vou mais pra lugar nenhum.

5 – Qual a sua percepção da micareta de hoje e a do passado.

Não pode nem se comparar, que antigamente era uma rodinha de gente assim, num tinha você não achava uma banca acolá pra você comprar um doce, tomar um suco. Só tinha cachaça e vinho, era essas as bebidas. Guaraná não tinha, cerveja não tinha, Coca cola não tinha, refrigerante nenhum.

ENTREVISTADORA: THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

NOME: JOZAURA LIMA DE CARVALHO

SEXO: FEMININO

ESTADO CIVIL: VIÚVA

IDADE: 75 ANOS

PROFISSÃO: DONA DE CASA

GRAU DE ESCOLARIDADE: FUNDAMENTAL II

1 –O que a micareta de Jacobina significa para o Sr. (a)?

Bom, hoje pra mim ela não significa mais nada, porque já to nessa idade não tem nem como eu dizer que significa pra mim. Mas na década de 62 até 67, significava muito, porque eu quando jovem meus pais não deixava brincar micareta, mas quando eu me casei meu marido gostava de micareta, carnaval essas coisas aí eu passei a participar com ele né, e os irmãos dele, irmãos.

2–O que o Sr.(a) conhece da história da micareta em Jacobina?

Tinham as festas nas rua né, mas a noite tinha, a tarde a matinê das crianças, e a noite dos adultos, então a noite já não tinha mais essa história de ter bloco na rua, era tudo no salão. Aí depois dessa época, já vieram outros micaretas diferentes, na década de 80, 79. Já não tinha mais aquele baile de salão, só tinha o vermelho e branco que era a abertura da micareta, que era no líder, na sexta feira todo mundo se vestia de vermelho e branco, e aí tinha a noite do baile lá. E daí já começava os blocos diferentes na rua, como tinha esses carros alegorico, eles ficavam disputando era o Brás e Jacobina, o Brás era azul e branco e o Jacobina todo dourado.

3–Costumava brincar ou ainda brinca na micareta?

Hoje eu não brinco mais,parei desde que meu marido morreu. Brinquei brinquei brinquei, quando também não tinha filinho pequeno né, até 69, brinquei depois disso não. De vez em quando eu ainda ia na rua e olhava, hoje eu não tenho mais...hoje não dá mais nem gosto ir pra micareta só tem mais empurra empurra, confusão. Os blocos nas ruas era todo mundo vestido de palhaço, tinha os bloco da odalisca, tinha o bloco das havaianas, outros vestiam de mortalha, que hoje não existe mais isso, é abada, neh?!

4 – Fale sobre a importância da micareta para a cidade.

A importância da micareta pra cidade é que, gera empregos né isso! E como é que diz, vinha os turistas. Hoje que muita gente gosta da micareta não viu a micareta de antigamente, aí acha bom. A importância da micareta em Jacobina é isso, é porque gera empregos e da renda pra o comercio, pra cidade.

5 – Qual a sua percepção da micareta de hoje e a do passado.

A Orquestra do finado Amado de oliveira, com os músicos dele. Então era uma coisa muito boa, a sociedade e não tinha essa história de violência,de assalto. Era tudo muito bom porque , porque o baile a fantasia ,de mascara cada um que quizesse fazer sua fantasia mais bonita do que a outra, então tinha muita serpentina, o salão era todo enfeitado com serpentina e confete, já se andava com a sacolinha de filó cheia de confete e naquela folia toda. Era muito bom, aquela época foi uma época muito boa. Aí hoje já é diferente, hoje já não tem mais aquela tradição , já é aqueles trio eletico, já é esse povo vestido de abada,e essas músicas que tem música que não da nem pra gente ouvir, umas músicas com umas letras muito, eu não quero dizer que é feia, é horrorrosa. Eu mesmo não gosto. Mas as músicas de antigamente...ave Maria era bonita demais, tinha “oh Jardineira porque está tão triste...” . Hoje a micareta estáa muito diferente ,do que era antigamente, antigamente não, era tudo sadio. Eu morava na cônego samambaia, aí minhas vizinhas ficam, ah Josaura vamo juntar, vamo fazer um boloco de palhaço, aí juntava com minha cunhada, vizinha,juntava com professora, e aí fazia aquele bloco tudo vestido de pierrô aí saia na rua, eita mais era bom demais viu, aí fica o dia todo brincando, subia e descia a missão ia pra o paiaíá.

ENTREVISTADORA: THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

NOME: MOEMA JACOBINA MESQUITA DA SILVEIRA

SEXO: FEMININO

ESTADO CIVIL: CASADA

IDADE: 65 ANOS

PROFISSÃO: PROFESSORA

GRAU DE ESCOLARIDADE: NÍVEL SUPERIOR E PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA

1 –O que a micareta de Jacobina significa para o Sr. (a)?

Uma festa muito animada , uma festa onde o povo participava, brincava descontraidamente sem nenhuma malícia, sem nenhuma maldade, era mesmo brincar para se distrair, desprender as energias. Era uma festa muito alegre, muito animada. Era uma festa assim do povo, o que marcava mais era que a

2–O que o Sr.(a) conhece da história da micareta em Jacobina?

Jacobina foi uma primeira cidade que quando iniciou a micareta, antigamente a micareta não era no clube como na época da minha mãe, minha mãe disse que saia os cordões na rua, carro assim, improvisava um carro e saia elas fantasiada , tinha a rainha da micareta, a princesa, era uma festa mais assim na rua, depois passou a ser nos clubes , aí a Aurora era um clube muito animado também, ficava disputando Aurora e 2 de Janeiro, que o Líder não existia ainda. Depois surgiu o Líder , ficou o Líder , 2 de Janeiro, a Aurora já tava caindo , as famílias já procurava mais o Líder porque era mais animado, trazia mais , era , pra atrair mais bandas, pra atrair o povo era muito mais animada

3–Costumava brincar ou ainda brinca na micareta?

Quando era adolescente, moça, a partir dos 16,17 anos sempre participei. o que marcava mais era que a gente brincava, fazia aquelas cordões dentro do clube, aquelas correria, e dançava cada um queria dançar mais que o outro e era muito animada. A gente participava mesmo ativamente, e tinha os mascarados, e que eu

quando era criança eu mesmo tinha um medoo, e tinha hoje chama os cão né! Hoje é cultura, eles saiam na rua correndo ates das crianças, aí todas criança tinha o maior medo, eu cheguei até a me esconder debaixo da cama com medo. Mas fazia parte da micareta de Jacobina, como faz ainda. Atualmente não brinco mais, o marido não gosta, e aí eu tenho que...ele gosta de olhar, apreciar. Eu gosto de brincar participar mesmo, mas infelizmente não dá mais.

4 – Fale sobre a importância da micareta para a cidade.

Micareta tanto gera recursos econômicos, como anima a cidade, trás pessoas de fora, tão os hotéis tem renda maior, eu acho que anima mais a cidade. Jacobina antigamente vinha gente de todas redondeza das cidade vizinha, de salvador pra micareta de jacobina. Atualmente continua mais não era mais como era antigamente

5 – Qual a sua percepção da micareta de hoje e a do passado.

A micareta de agora eu acho que existe mais violência, porque hoje ta o povão na rua, tem a proteção da corda, que eu acho que provoca também um pouco de violência, pois as pessoas que tão fora ficam a rivalidade por não ter a condição financeira de participar do bloco, de comprar um abadá. E aí começa a gerar violência, Se fosse sem corda talvez fosse melhor, apesar de não ter segurança pra as pessoas daquele grupo, mais não gerava tanta violência. A do passado, eu acho que a do passado nós tínhamos mais organização, a quantidade de pessoas que participava eram menor, então não tinha aquela multidão que hoje existe né! A cidade cresceu e também a população, e a quantidade também de blocos, porque quanto maior o numero de pessoas maior a renda pra o bloco né isso! Hoje se preocupa mais em angariar dinheiro, que investir na animação e segurança. E trio eletico, eu acho que cada ano deveria ser mais animados né! Porque são mais passam muito tempo enrolando, sem tocar e o pessoal cansa de esperar né.

ENTREVISTADORA: THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

NOME: ZISLAINE FERREIRA DA SILVA ARAÚJO

SEXO: FEMININO

ESTADO CIVIL: VIÚVA

IDADE: 71

PROFISSÃO: PROFESSORA

GRAU DE ESCOLARIDADE: SUPERIOR COMPLETO

1 –O que a micareta de Jacobina significa para o Sr. (a)?

Pra mim significa assim, uma festa popular, uma festa que dá oportunidade a todas as classes participar, é um momento de lazer, que é uma coisa assim esperada por todos né! Porque faz bem a todo mundo, e tem sido muito bons todos os micaretas que eu passei de 90 pra cá, eu não achei que nenhuma foi ruim, todas foram boas.

2–O que o Sr.(a) conhece da história da micareta em Jacobina?

Assim, rapidamente o que eu conheço é que antes era chamado Micareme, e que tem uma história aí de uma rivalidade com Feira de Santana dizer, que é o primeiro que fez esse tipo de festa de Micareta, Micareme sei lá, e que na realidade depois foi convencendo esse outro nome de Micareta. E antes dessa micareta de rua, não era na rua, era nos clubes 2 de Janeiro e Aurora, que era os clubes tradicionais daqui da cidade. Então fazia as festas

3–Costumava brincar ou ainda brinca na micareta?

Brinco! Bateu um tambor eu estou na rua (risos), eu gosto de festa, eu sou uma pessoa assim alegre, eu me sinto que sou pessoa assim, ativa, porque eu gosto de participar de tudo. Então nessa participação eu vou pra festas sem ser micaretas, outras festas dos clubes e tal, e estou sempre em evidência. E enquanto tempo Deus me permitir a vida, eu agradeço a ele todos os dias

4 – Fale sobre a importância da micareta para a cidade.

Nesse sentido eu digo assim, a importância eu acho que traz pra o município, é, resultado positivo no sentido do comércio, que as vendas aumentam, pessoas que nessa época tem a oportunidade de vender alguma coisa, alimentos, bebida. E de

certa forma é um momento que eles tem assim pra ter um lucro de alguma coisa, na luta pela vida. Nesses escapes ,que a gente vê que eles ficam assim felizes. Mas o que mais me chama atenção é ver a comunhão nesse momento, a união de todas as classes, branco, preto, pobre, rico, médio. Nesse momento da rua, quando os trios tocam , quando as bandas tocam, ninguém faz a separação nenhuma de diferença, é diferente da festa que tem na Aurora agora dia 28, que vai lá quem pode pagar 40, 50 por uma cadeira pra sentar. A micareta tem esse favorecimento, a rua é a rua. É de todos.

5 – Qual a sua percepção da micareta de hoje e a do passado.

Na minha concepção, agora ela é democrática .E traz muitos resultados positivos pra cidade de Jacobina. A ornamentação da cidade por exemplo, quando houve dois anos atrás, que fez aquela coisa da reciclagem,então você... interdisciplinando a coisa, você vê que aquele enfeitar a cidade, reflete no âmago dos seres e deixa o ensinamento , dessas campanhas hoje que se faz, de reciclagem de material para o bem da natureza, para salvar a natureza. Porque você sabe que quando se faz o aproveitamento da reciclagem, está se contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Além das pessoas ganharem o feito pelo que produz, porque antigamente vinha essas coisas tudo de fora. Agora não, já se produz também aqui.